

INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE GRADUANDOS DE LICENCIATURAS

DOUGLAS WENDLER DE ANDRADE¹; DÉBORA HARTWIG WENDLER²;
MARLON FREITAS DE CAMPOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – dwadodo1997@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deborahartwig@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marlonfjp@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intenção ampliar os debates e reflexões sobre o tema da indisciplina no contexto escolar, e contemplava, originalmente, uma das atividades de avaliação da disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação (FPE), no segundo semestre de 2018. Para tanto, apresentamos a análise de alguns dados que indicam as diferentes percepções dos alunos de licenciatura em matemática e da pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), sobre o que é indisciplina. Para uma melhor apreensão das concepções dos graduandos nesta temática foi elaborado um questionário online com questões de múltipla escolha, posteriormente enviado para os alunos dos referidos cursos para que respondessem.

O termo indisciplina está presente em muitos discursos, principalmente quando se trata de cursos de licenciatura, aparecendo quase sempre como uma preocupação para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico. Porém, do que se referem quando tratam da ideia de indisciplina? E como tratá-la no contexto da sala de aula? Acreditamos que para que se possa compreender a indisciplina é necessário identificar, de antemão, a própria disciplina. Complexamente, esta não tem um padrão fixo e pode vir a variar de acordo com o meio em que a escola está inserida e com a cultura local, estruturada de acordo com as características da escola. Segundo PICADO, “nas escolas, existe todo um sistema de regras que contribuem para determinar o comportamento das crianças e o conjunto desses deveres constitui aquilo a que se chama disciplina escolar” (1995, p.3). Desta forma, é possível identificar que uma das compreensões acerca da disciplina está associada ao cumprimento do conjunto de normas e regras locais, de modo que a indisciplina estaria associada ao desvio deste comportamento desejado.

Ao mesmo tempo, no verbete “disciplina”, no Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010), podemos perceber uma posição crítica à disciplina compreendida como subalternidade, como mera sujeição. GHIGGI (2010) apresenta a posição de Freire que é profundamente comprometido com a disciplina enquanto necessidade para ensinar e aprender, porém, constituída democraticamente, a partir do diálogo que, ao mesmo tempo, afirma a autoridade docente e o compromisso com a libertação do educando, de forma que,

sem a necessária disciplina o sujeito fecha-se narcisicamente em sua identidade. Mas, exigir disciplina pela autoridade pouco legítima, de alunos que na escola são levados a internalizar a ideia de que devem ser subalternos aos agentes institucionais ou da estrutura que mantém a sociedade como hoje se apresenta, é um ato político e epistemológico imponderável.

Nesse sentido, percebemos certa diversidade de compreensões possíveis acerca da disciplina que pode mesmo assumir contornos autoritários ou compromisso ético-político libertador. A consideração de indisciplina é diversificada, pois, o que para alguns educadores é visto como indisciplina, para outro professor pode ser apenas um momento de desatenção ou agitação momentânea, que se dá quando os alunos voltam de uma atividade empolgante ou atividade realizada fora da sala, como recreio ou chegada na escola ou aula prática. Outros comportamentos como o desacordo, os questionamentos ao professor, numa perspectiva mais autoritarista, podem ser considerados indisciplina, enquanto numa perspectiva mais libertadora, essas são ações desejadas pelo educador, para que haja uma interação professor-aluno.

Da mesma forma, há muitas maneiras de manter a disciplina em sala de aula. Discutir com a turma, ameaçar com avaliações, entre outras punições, são bastante utilizadas, no entanto, existem outras possibilidades. É importante fazer o uso de recursos que dialogam e que provoquem a reflexão a fim de convencer que a disciplina é responsabilidade e construção coletiva.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, optamos pela metodologia quantitativa a partir da elaboração de um questionário online com questões estruturadas aplicadas com estudantes de graduação, com intuito de identificar questões como: principais comportamentos reveladores de indisciplina na sala de aula, estratégias para lidar e prevenir a indisciplina e a relação destes comportamentos para com a postura do professor com a turma.

Ao mesmo tempo, realizamos leituras sobre a temática com o objetivo de auxiliar na discussão e na confecção do questionário.

Após a elaboração do questionário, o mesmo foi compartilhado com os colegas dos cursos de licenciatura em matemática e pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. As respostas foram analisadas a partir dos gráficos gerados pelo próprio questionário online.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao questionarmos sobre os principais comportamentos reveladores de indisciplina na sala de aula, percebemos que as respostas com maior porcentagem foram: agredir fisicamente os colegas e/ou professores (80,8%); dar pontapés ou murros nas cadeiras e/ou mesas (73,1%) e fazer gestos impróprios na sala de aula (61,5%). Analisando estes dados é possível constatar que os indicadores de indisciplina apontados estão fortemente relacionados com comportamentos violentos, de agressão e pontapés, o que nos permite inferir que a indisciplina possui forte relação com a violência no contexto escolar. É certo que tais comportamentos configuram atos de indisciplina. Ao mesmo tempo, porém, outras atitudes são apontadas por um número mais baixo, mais ainda significativo, de estudantes. Entre outras, constam algumas como: falar fora da sua vez (26,9%), discutir com colega em sala de aula (50%) e desafiar a autoridade do professor (50%). A partir dessa análise nos propomos refletir sobre algumas questões: é preciso pedir permissão para falar? Necessariamente haverá uma fila de falas? Isso é viável? O que seria "desafiar" a autoridade do professor? Discordar seria "desafiar a autoridade"? São opções que, no mínimo, merecem maior atenção sobre os significados que podem carregar.

No mesmo sentido, com o intuito de perceber qual as ações que estudantes de cursos de licenciaturas consideram mais eficazes para prevenir a indisciplina na sala de aula, elaboramos outra questão que busca obter essa resposta. As ações apontadas, com maior porcentagem, foram: Envolvimento dos alunos na definição das regras e estratégias de sala de aula (76,9%); Método de ensino participativo (73,1%) e Construção de uma relação aberta com os alunos (69,2). Dessa forma, percebemos que, no que se refere às formas de prevenir a indisciplina em sala de aula, há grande convergência na adoção de métodos de diálogo e participação dos estudantes e rechaço às alternativas mais autoritárias, tendo sido assinalada por apenas 19,2% dos participantes a opção que menciona um sistema de recompensas e castigos.

Para que se possam desenvolver estas ações de prevenção da indisciplina em sala de aula, é necessário que o professor que exerça atitudes que corroboram para tal. Nesse sentido, nos questionamos: O que é ser um bom professor? Quais as principais características que um bom professor deve ter? Dentre as características apontadas, as respostas do questionário centraram-se entre acessibilidade do professor, domínio do conteúdo e explicação: “Está disponível para tirar dúvidas” (84,6%); “Dominar a matéria que leciona” (80,8%) e “É claro na explicação da matéria” (76,9%).

A partir da análise podemos perceber que as questões de prevenir a indisciplina em sala de aula partem dos relacionamentos do educando dentro e fora do contexto escolar. Inferimos que as regras da escola, muitas vezes, não propiciam a disciplina, apenas a quietude na sala de aula. O educador, fazendo uso dessas regras, não deve se tornar uma figura autoritária, querendo impor suas regras sem diálogo. Nessa perspectiva, AQUINO, ressalta que,

O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. Mas, as efervescências da sala de aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para a inutilidade de um controle totalitário [...]. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo. (1996, p. 79).

É necessário que o professor esteja disponível para que os alunos possam questionar, opinar, ter o seu espaço e a sua presença valorizada dentro da sala de aula. É importante, também, que o professor permita o envolvimento dos alunos ao definir as regras que deverão ser respeitadas, para que não se torne uma “disciplina imposta” (AQUINO, 1996, p.78), e, ao invés disso, se interrompa esse procedimento homogeneizador que muitas escolas tem adotado.

4. CONCLUSÕES

Ao realizarmos este trabalho foi possível verificar que os resultados obtidos na pesquisa estão relacionados com os textos estudados e com o que vínhamos discutindo nas aulas de FPE. Percebemos que os alunos de graduação, futuros professores, possuem uma concepção de disciplina que busca por um ensino com mais qualidade e que valoriza a criança e o adolescente no contexto social, e com isso, tornando a aula mais participativa e dinâmica. Isso permite que o foco do aluno esteja centrado, na atividade que está sendo desenvolvida, diminuindo a possibilidade de distração.

Não se pode apontar como características de indisciplina, uma sala de aula com alunos inquietos, que não param de conversar, que falam e discutem em todos os momentos. Um bom professor deve usar isso a seu favor, utilizar essa

particularidade como uma ferramenta de ensino, tornando-a em um instrumento de aprendizagem para o aluno.

Como alunos desta disciplina e através da pesquisa com os colegas, pudemos estudar este tema e consequentemente ampliamos nossa visão sobre o que é indisciplina, para que, futuramente possamos prevenir e/ou lidar com a mesma, com mais naturalidade, tendo como resultado um trabalho positivo dentro da sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Julio Groppa (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 15. ed. São Paulo: Summus, 1996. 148 p. ISBN 9788532305831
- CARRARA, Kester. Behaviorismo, Análise do Comportamento e Educação. In: __ Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004, p. 109 – 133.
- GHIGGI, Gomercindo. Disciplina. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Dicionário Paulo Freire. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 124 – 126.